

Que lugar é esse? Da geografia humanista aos estudos de comunicação local

Jacqueline da Silva DEOLINDO¹
Anelize dos Santos RIBEIRO²
Milena Firmino ZANI³
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Este ensaio reflete nossas primeiras leituras para compreender o "lugar". Realizamos essa busca sob a perspectiva epistemológica da comunicação como ciência social e temos como objetivo verificar como os elementos definidores desse conceito geográfico se relacionam com elementos definidores da comunicação como "por em comum". O cotidiano é a categoria que usamos para aproximar "comunicação" e "lugar", uma vez que é construído na interação, seja mediada pela técnica ou mediada pelas trocas simbólicas que gestam a intersubjetividade e que dão origem à sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: lugar; cotidiano; comunicação.

INTRODUÇÃO

Todos dias, em diversas ocasiões, aplicamos um sentido de lugar extraído e alimentado do senso comum. Na pesquisa em comunicação, mesmo quando tratamos do trabalho que fazemos - observação do jornalismo e/ou memória local, pesquisa sobre a mídia do lugar, estudos dos padrões locacionais das indústrias da cultura, o impacto dos dispositivos geolocalizadores etc – não necessariamente teorizamos sobre que lugar é esse que define nossas atividades científicas. Em geral, para o comunicólogo, lugar tem a ver com empiria, ou seja, com a localização do objeto de investigação, ou, ainda, com onde o fato se dá. Em alguma medida também tem a ver com lugar de fala. No entanto, para o pesquisador que desbrava as searas da geografia, existe a necessidade de problematizar a palavra, estranhá-la, ampliar a compreensão que se tem dela ou, melhor, conhecer como ela é conceituada por um campo que se especializou em pensá-la. Daí que lugar passa a

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do curso de Jornalismo do Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) em Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: jacquelineolindo@gmail.com

² Graduanda em Ciência Sociais da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica Faperj. E-mail: anee.ribeiro@hotmail.com

³ Graduanda em Ciência Sociais da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica Faperj. E-mail: milenafzani@gmail.com

ser não mais uma palavra ou um onde, simplesmente, e, ultrapassando a marca do senso comum, revela-se como conceito complexo. Sua apreensão pode, ao nosso ver, implicar em outra abordagem do objeto, redirecionar nossa atuação no campo e orientar, de modo inovador, nossas questões de pesquisa porque nos ajuda a compreender o lugar em sua dimensão ontológica e em sua especificidade com relação a outras categorias espaciais que são contempladas nos estudos de comunicação.

Desse modo, neste ensaio, empreendemos um estudo sobre o conceito geográfico de lugar, mas como forasteiras ao campo onde originariamente o lugar é pensado. Partimos do campo da comunicação, assumida como um subcampo das ciências sociais, para investigar como ocorrem a apropriação social do homem sobre a realidade, sua ação comunicativa e prática política em lugares em que o conhecimento dessa realidade é mediado pela informação jornalística – ou que sofrem com a escassez dela. O lugar, portanto, se mostra um conceito central para esse propósito. Este ensaio representa uma primeira incursão pela temática e está dividido em três partes, além desta introdução: na primeira, socializamos nossas impressões da leitura de textos que marcam o surgimento da geografia humanista e que assumem o lugar como projeto de estudo; na segunda, apontamos as contribuições de autores que demarcam a necessidade de considerar o lugar não apenas em sua singularidade, mas também em relação com o sistema-mundo; na terceira parte, à guisa de conclusão, pensamos o cotidiano, categoria que constrói e atravessa o lugar, para elaborar nosso argumento sobre o papel da comunicação nesse contexto.

Ao longo deste trabalho, guia-nos a primeira das leituras que fizemos sobre o conceito de lugar: "Em busca do lugar reencontrado", do geógrafo Nécio Turra Neto (2009). O autor, ao reconstituir o trajeto da geografia crítica de Milton Santos até o lugar, fornece uma breve contextualização histórica do surgimento da geografia humanista para, em seguida, apontar como autores mais recentes dessa vertente tendem a considerar o lugar, sua principal categoria, colocando em perspectiva o jogo das escalas espaciais e a relação com o que lhe é externo. Esses autores dão especial relevo, quando se trata do lugar, aos fenômenos da interação e da mediação, que atravessam o cotidiano, estruturam a existência humana, gestam a intersubjetividade e a sociabilidade e que, atualmente, são direta e/ou indiretamente impactadas pela chegada dos aparatos técnicos, transformadores dos lugares. Neto (2009, p. 117) observa, inclusive, que é "somente quando o espaço geográfico se mundializa que o lugar emerge como conceito". Essas pistas são a chave

para pensarmos a relação entre comunicação e lugar, como argumentaremos nas próximas seções. Mas, antes, vamos ao início.

O COLETIVO HUMANISTA

A geografia humanista emerge nos anos 1960, nos Estados Unidos, como resultado de um processo longo, iniciado ainda nos anos 1920 sob a proposta de uma renovação do campo a partir da superação das perspectivas cartesianas e positivistas que até então pautavam a ciência geográfica. Desenhavam-se, então, os contornos de uma abordagem que recebeu importante influência da geografia cultural e da geografia histórica e cuja aproximação com os aportes teórico-conceituais da filosofia fenomenológica, notadamente com as ideias de mundo vivido e intencionalidade, fez a atenção dos pesquisadores se voltar para objetos até então negligenciados pela geografia. O lugar foi um deles.

O momento de sua consolidação [da geografia humanista] enquanto campo alternativo da geografia ocorreu em um período histórico preocupante no âmbito da epistemologia científica, quando todo o pragmatismo das ciências matemáticas invadiu as outras disciplinas procurando reduzi-las a meras produtoras de dados. No caso da geografia, essas pretensões apontavam para a padronização geométrica e estagística do espaço geográfico. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de se estudar uma ontologia da espacialidade humana segundo parâmetros geográficos (Pickles, 1985a; Soja, 1993). Nesse ínterim, o eixo das questões teóricas da geografia passara das questões metodológicas (década de 60) para as questões epistemológicas (década de 70), até alcançarem um momento de busca dos fundamentos da geografia. Uma das alternativas foi a de procurar a identidade do ser com os lugares; isto em um mundo onde se aceleram os padrões de produção, de consumo, e em que se incrementam os meios disponíveis para um relacionamento interpessoal que já pode ser global. Aceleraram-se os padrões temporais, procurou-se uma âncora nas relações espaciais. Mas essa mudança no próprio fundamento filosófico das ciências não pode ser superficial, ela passa pela discussão da ontologia da espacialidade (Soja, 1993). (HOLZER, 1998, p. 3)

No meado do século passado, então, diversos geógrafos propunham trabalhar a partir dessa nova abordagem e publicaram trabalhos inspirados pelo mesmo espírito do

tempo, mas coube à publicação de "Geografia humanista", do chinês-americano Yi-Fu Tuan, nos anais da Associação Americana de Geógrafos, em 1976, o marco do surgimento dessa vertente de estudos. Outros nomes de relevância, junto com Tuan, formaram o que veio se chamar "coletivo humanista", muito embora sua publicação tenha sido um tanto quanto dispersa. Entre esses expoentes estão outros dois geógrafos que privilegiamos neste ensaio: a irlandesa Anne Buttimer e canadense Edward Relph.⁴

Tuan: lugar como centro de sentido

Em Geografia Humanista, Tuan (1976) estabelece os pilares epistemológicos e delinea as temáticas que caras ao novo campo, entre elas "lugar", que o autor define como "centro de significado". (p. 269). O humanista, no entender do geógrafo, deseja saber como a qualidade da emoção e do pensamento do homem que ali habita conferem a esse lugar uma gama de sentido.

Três anos depois, o autor publica "Espaço e lugar: perspectiva humanista" (TUAN, 1979), no qual reforça esse entendimento profundo do lugar.

Como localização, lugar é uma unidade entre outras unidades, às quais está ligado pela rede de circulação; a análise da localização é subsumida do conceito e de análises do espaço do geógrafo. Lugar, todavia, tem mais substância do que a palavra localização sugere: é uma entidade única, um "conjunto especial" (Lukermann, 1964, p. 70), ele tem história e sentido. Lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. Lugar não é somente um fato para ser explicado em um quadro mais amplo do espaço, mas é também uma realidade a ser clarificada e compreendida a partir da perspectiva das pessoas que lhe dão sentido. (TUAN, 1979, p. 387).

A construção desse sentido de lugar, ou melhor, o próprio lugar, segundo Tuan (1979), ocorre no tempo. É justamente ele a condição para que as pessoas que habitam o lugar imprimam nele as mudanças que vão lhe conferir "personalidade" (p. 409). Esse sentido de lugar também passa pela "estabilidade" que determinado ponto do espaço é capaz de fornecer aos que a ele convergem. (p. 411). Desse modo, o lugar é ancoragem. Ele também pode ser um símbolo público, quando envolto por sacralidade ou por

⁴ Assim como o francês Armand Frémont, com seu livro *La région, espace vécu* (1976), também influenciou toda uma geração de pesquisadores europeus que estudavam o "espaço vivido", diversos outros geógrafos contribuíram ricamente com a emergência e consolidação da geografia humanista. Este ensaio, no entanto, apresenta apenas um primeiro esforço de leitura que, no decorrer da pesquisa sobre comunicação local, será ampliado.

qualquer coisa semelhante ao sentido de aura que os sujeitos lhe confirmam. (p. 413). Ainda que os exemplos não se limitem a centros urbanos, a cidade ideal pode ser um exemplo de símbolo público. (p. 412) O lugar também pode ser um campo de preocupação, no momento em que é a configuração física ou ambiente material de uma rede de relações interpessoais carregadas de identidade e emoções em comum. (p. 417) Uma pequena cidade pode ser assim considerada. (p. 412). Em todos esses casos, todo lugar é um pequeno mundo e o que o cria é a rede intangível de relações humanas. (p. 421).

Anne Buttimer: lugar como lar e horizonte de alcance

Em seu primeiro texto de referência para a Geografia Humanista, *Grasping the Dynamism of Lifeworld*, publicado nos mesmos anais do texto fundador do campo escrito por Tuan (1976), Buttiman (1976) defende a pertinência da aplicação das perspectivas da fenomenologia nos estudos geográficos. Para a autora,

Duas noções da fenomenologia, "sujeito do corpo" e "intersubjetividade", e uma da geografia contemporânea, a ideia de "ritmos tempo-espço", são bases potenciais para um diálogo entre os dois campos. A ideia de sujeito corporal centra-se nas relações diretas entre o corpo humano e seu mundo. A ideia de intersubjetividade procura construir o diálogo entre a pessoa e o meio em termos de herança sociocultural e os papéis sociais assumidos no mundo da vida cotidiana. A ideia de ritmos espaço-temporais é proposta como uma perspectiva que poderia fornecer insights sobre a totalidade dinâmica da experiência do mundo da vida. (BUTTIMER, 1976, p. 279)

Mundo da vida, para a geógrafa, seriam aquelas facetas da experiência cotidiana que se constroem em um dado espaço preconscientemente, a partir de padrões rotineiramente aceitos de comportamento e interação. No ensaio de Buttimer (1976), a noção de intersubjetividade como patrimônio cultural ou social de interação entre sujeitos e como processo contínuo pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais tem grande relevo e a autora valoriza sobremaneira o dinamismo do cotidiano na construção desses processos de comunicação, que, em seu entendimento, vão muito além das trocas interpessoais e que impactam e são impactados pelo dinamismo da contemporaneidade e sua complexidade tecnológica.

Em outro texto de referência, “Home, Reach, and the Sense of Place”, lançado originalmente em 1978 e publicado em português em 2015 com o título “Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar”, Buttimer se preocupa em produzir um pensamento crítico-analítico para abordar experiências vividas – no lugar. Segundo a autora, o lugar, em sua conformação, está profundamente ligado à identidade do indivíduo.

Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação. Como outros membros da biosfera, os homens também demonstram padrões marcados de territorialidade. Quando os valores fundamentais associados com qualquer um destes níveis de experiência são ameaçados, então podem “explodir” protestos sobre o significado de lugar. (BUTTIMER, 2015, p. 6).

A geógrafa entende que uma dessas ameaças é o crescente reforço da diferença entre os lugares provocado pelo desenvolvimento científico e tecnológico, pelos transportes e pela comunicação, que promovem o encurtamento das distâncias, um conseqüente choque cultural e a falência do lugar enquanto horizonte de alcance que seus habitantes têm em comum. Essa tensão, que altera o cotidiano e os gêneros de vida, põe em questão o sentido de lar conferido ao lugar, opondo “os de dentro” (os que ali habitam ou que ali se apegam) e “os de fora” (os que procuram estudá-lo ou modificá-lo).

Edward Relph: lugar como fenômeno e identidade⁵

Com sua tese *Place and Placelessness*, publicada como livro em 1976, Relph ajudou a sedimentar as bases fenomenológicas da geografia humanista colocando em relevo o lugar, sua essência (relacionada a seus atributos sociais e culturais) e a experiência que os sujeitos têm neles, conferindo-lhe identidade. Os lugares, para Relph (1976, p. 141), são “centros significativos de nossas experiências imediatas do mundo”. A identidade desses lugares se refere à constância e unidade que os diferenciam dos demais: sua configuração física, as atividades que nele ocorrem e os significados a ele atribuídos pelas pessoas e grupos através das experiências nele vividas.

⁵ Somos tributárias a Seamon & Sowers (2008) e a Marandola Jr. (2016) pelos textos fornecem valiosas interpretações da obra de Relph. Ver referências.

Essa identidade é pensada por Relph (1976) nos termos da fenomenologia heideggeriana: um comum-pertencer, ou seja, uma correspondência entre o sujeito e a comunidade à qual esse sujeito perceber-se ligado. Coloca-se em relevo, portanto, o sentido de integração e de nexos. Essa compreensão envolve também, por consequência, a assunção da identidade do sujeito e do lugar relacionada ao movimento dinâmico de estar dentro e estar fora, de aproximar-se e distanciar-se, identidade enquanto construção constante, não linear nem unidirecional.

Essa identidade, não sendo única, diz respeito ao tipo de envolvimento do sujeito com o lugar, o que significa, em última instância, que a definição de lugar está relacionada à posição ou representação do lugar o sujeito que define: interioridade comportamental (presença física em um lugar), interioridade empática (envolve participação emocional com um lugar) e interioridade existencial (compromisso completo e inconsciente com um lugar). Há, ainda, um outro tipo de interioridade de Relph chama de vicária: aquela que se refere a uma experiência de lugares feita indiretamente, por substituição à presença física e por forte apelo ao imaginário que “romances e outras mídias” podem produzir a respeito dos lugares. Por outro lado, há experiências menos profundas, próprias de quem está fora do lugar e que o geógrafo categoriza como “exterioridades”: na exterioridade accidental, o lugar é apenas um fundo para outras atividades que, por acaso, se dão ou passam por ali; na exterioridade objetiva, o lugar é uma localização ou um conceito; na exterioridade existencial, há uma profunda alienação, ou não reconhecimento do lugar, pelos mais diversos motivos. (RELPH, 1976, p. 50)

São essas diferentes situações de identificação que produziriam lugar, resultado de um processo de vinculação e construção de relações orgânicas que se dão no tempo e em determinado espaço, e “deslugarização”, ou não-lugar, resultado de processos transitórios, padronizados, fluidos, sem vínculos de cuidado e responsabilidade e orientados, geralmente, pelo movimento econômico.

Em um texto mais recente (RELPH, 1997), o geógrafo enfatiza a importância do “senso geográfico de lugar”⁶ como uma habilidade que não é apenas de geógrafos, mas daqueles que desenvolveram a habilidade de perceber o que é bom ou ruim em alguns lugares para defender criticamente mudanças que sejam justas e duradouras. É interessante como, entre os membros dessa vertente a ideia de justiça social, qualidade de

⁶ Relph (2015) entende senso de lugar como “um aspecto fundamental da vida cotidiana e uma conexão entre a pessoa e o mundo”. Ver referências.

vida e dignidade estão presentes, embora, nem sempre, se apresente na literatura sob esses termos. Do mesmo modo, como alerta Relph (1997), o senso de lugar tanto pode tonar os ambientes melhores, mais belos e justos como pode também ser gerador de exclusão e violência.

Para os geógrafos, os lugares são aspectos da vida humana que carregam consigo todas as esperanças, realizações, ambiguidades e até mesmo horrores da existência. Eles veem o senso de lugar como um fio que liga cada um de nós ao nosso entorno, e como um caminho aprendido para entender o e lugar em seus próprios termos. Como uma forma de conexão ambiental, o senso de lugar é existencial e político. Como uma habilidade geográfica aprendida, requer observações cuidadosas e críticas de lugares e o reconhecimento de que as aparências superficiais podem revelar tradições culturais compartilhadas ou disfarçar injustiças profundas. De fato, o desejo político de pertencer a algum lugar e de participar de suas tradições pode alimentar tentativas de exclusão sistemática de todos aqueles que se acredita a ele não pertencerem. Em contraste, para aqueles que acreditam que um senso de lugar mais forte só pode melhorar o mundo, os geógrafos tentam lembrar que uma solução persistente para problemas sociais tem sido destruir os lugares e comunidades onde estes ocorrem, talvez sob o nome de renovação urbana. ou reassentamento. É um testemunho perverso da importância do senso de lugar que uma das mais duradouras de todas as estratégias militares é a destruição de lugares, a fim de minar a vontade de um povo. É, é claro, um testemunho ainda mais poderoso da importância do senso de lugar que esses lugares são invariavelmente reconstruídos por aqueles cujo apego a eles não foi destruído. (RELPH, 1997, p. 5).

Isso mesmo na pós-modernidade, quando a mídia de massa mostra um colapso do lugar através do esfacelamento das culturas locais e da mercantilização pela mídia de massa do que cada lugar tem de mais genuíno, como aponta o autor citando uma previsão de McLuhan.

CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS

Milton Santos: o lugar como contexto material e simbólico

Turra Neto (2009) observa que o lugar já era um conceito debatido na geografia humanista quando Milton Santos o toma como um dos principais recortes espaciais para

pensar o mundo contemporâneo e colocar em relação o jogo de forças transformam o espaço em suas diversas escalas. “Considerando que o espaço se mundializou e que sua produção se realiza na articulação contraditória entre o global e o local, o lugar [em Milton Santos] se explica pelo mundo. Sua preocupação é com o lugar enquanto *situação*”. (TURRA NETO, 2009, p. 115, grifo no original).

É nesse sentido que, para Milton Santos, a interação é relevante, pois é a partir dela que ocorre a construção das relações socioespaciais que se realizam em um mundo comum, ainda que atravessado por diferentes lógicas. Vemos esse argumento mais claramente, por exemplo, nos capítulos finais de *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, no qual Milton Santos (2006) nos fala sobre a força do lugar, entendido por ele como o contexto material e simbólico produzido pelo homem que nele habita.

O meio técnico-científico-informacional, ali desenvolvido/instalado, faz do lugar, que é evento, residência, provedor das carências fundamentais, horizonte da memória e da aventura, espaço também de produção, de uma resistência criativa e criadora que emerge da vida diária, do cotidiano, da proximidade e das relações de comunicação, cooperação e conflito entre sujeitos, firmas e instituições. É a partir de tais elementos, fornecidos pelo lugar, que abriga as relações de proximidade e interações simbólicas, mas também, muitas vezes, a racionalidade própria dos sistemas hegemônicos, que “o mundo ganha sentido por ser esse objeto comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação”. (SANTOS, 2006, p. 214).

Turra Neto (2006) considera Milton Santos como um dos autores que fazem uma leitura híbrida do conceito de lugar, ou seja, na articulação com o sistema-mundo, condição *sine qua non* para que o lugar se torne inteligível. Nesse modelo de abordagem, é central o cotidiano enquanto categoria temporal: é no dinamismo do tempo banal que o lugar é construído pelos sujeitos.

Ana Fani Carlos: o lugar como ponto de confluência

Também citada por Turra Neto (2006), Ana Fani Alessandri Carlos (2007) reforça essa perspectiva: para a autora, o caminho para analisar o lugar é pensar o cotidiano, que se define pela construção coletiva da primeira camada do vivido, onde todas as dimensões

da totalidade se conectam, as relações sociais se reproduzem e os fios dessa teia de lugares interligados que é o mundo se materializam. Adotando as concepções de Milton Santos, Carlos (2007) compreendendo que há o lugar de “dentro” (a história particular dos lugares a partir das formações da cultura, língua, hábitos etc.) e o lugar de “fora” (o mundial que se impõe no local). Essa dinâmica dentro-fora pode ser redefinida, segundo a autora, a partir de três dimensões, além da histórica, visto que se operam no tempo: a dimensão técnica, dimensão comunicacional (modos de comunicação) e a dimensão normativa (normas e leis). Estas afetam, por exemplo, a identidade do lugar, pois se articulam na produção da existência social dos indivíduos. A troca ilimitada de informações graças à Internet, por exemplo, torna cada dia mais complexa a compreensão de identidade uma vez que acarreta a relativização do sentido de lugar para além da territorialidade, elevando os espaços locais a globais e integrando-os na simultaneidade dos fenômenos que ocorrem nas duas dimensões, que se contrapõe, mas também se completam, pois os fenômenos sociais que ocorrem nas duas esferas são indissociáveis.

O lugar na era das redes traz a idéia de que os novos processos de produção e de troca se dão hoje de outra forma no espaço num momento em que as vias de transportes e de comunicações mudam radicalmente sua configuração que não passa somente pelas rotas terrestres tradicionais — marítimas, rodoviárias, ferroviárias — mas cada vez mais aéreas, via satélites e através da ainda em instalação as *superhighway* que criam a aparência de que se perde as bases territoriais. Na realidade a tendência a anulação do tempo/distância entre lugares no espaço do globo terrestre parece diminuir de tamanho articulando lugares agora através das redes de alta densidade de trocas de informações. (CARLOS, 2007, p. 24).

Angelo Serpa: o lugar como discurso

Esse componente comunicacional, que opera cotidianamente, recebe em Serpa (2011) uma atenção específica quando ele se dedica a estudar lugar e mídia. Para o geógrafo, o discurso midiático, de onde emana o “enredo do lugar”, vai definir determinado espaço como “histórico, relacional e identitário” e construí-lo como lugar de enunciação. Isso pode se dar a partir da mídia hegemônica e seus aparatos técnicos, mas também a partir de uma mídia alternativa, “submersa”. Nesse confronto, novas espacialidades surgem e o lugar constantemente se ressignifica e se redesenha.

[...] os lugares são enunciados a partir de representações espaciais coerentes com as trajetórias desses agentes nos respectivos locais de ocorrência. Essas representações são construídas no cotidiano dessas áreas a partir de elementos sociais, históricos, econômicos e culturais de seus respectivos espaços de atuação e são também influenciadas pelo acesso desses grupos e iniciativas aos meios de comunicação, condição primeira para a produção de conteúdos sobre o “lugar”. (SERPA, 2011, p. 174)

Para o autor, essa rede discursiva é o que constrói o espaço urbano, feito de hegemonia, mas também de táticas de apropriação do território. O lugar, assim, é o espaço da criatividade e da subversão, onde os diversos grupos afirmam cotidianamente suas ideias de cultura. Nesse sentido, em Serpa (2011), como nos demais autores estudados, o conceito de lugar, ainda que a partir de uma abordagem humanista, não pode ser pensado separadamente da ideia de localização, visto que as condições de produção do lugar são necessariamente localizadas – como nesse caso específico, falando de comunicação, aparatos midiáticos e tecnologias; das estratégias das grandes corporações em definir onde os meios hegemônicos serão instalados, em uma decisão externa aos lugares; das táticas de apropriação desses e de outros meios, em um movimento que transforma e subverte as representações correntes do lugar. (SERPA, 2011, p. 17).

Mas um elemento especialmente interessante destacado pelo geógrafo em sua discussão sobre a construção do lugar como discurso pelos diferentes agentes sociais é o direito ao lugar enquanto espaço público multiescalar. Isso passaria, a seu ver, necessariamente, pela democratização do acesso aos meios de comunicação.

Ou seja, quanto maior a disponibilidade e o acesso aos meios de comunicação [...] maior será a possibilidade do surgimento e consolidação das representações espaciais de grupos e iniciativas não alinhados ao *mainstream*. Nesse processo, as representações precisam ser “comunicadas”, para que os lugares sejam enunciados de modo eficaz, ainda que, na maior parte das vezes, essas representações sejam ignoradas pelos meios de comunicação de massa. Enunciar lugares pressupõe, portanto, que as representações espaciais sejam “comunicadas”, daí a importância do acesso às técnicas de comunicação e sua apropriação enquanto tecnologia. (SERPA, 2011, p. 175)

Entretanto, e essa é outra observação relevante feita pelo a autor, a eficácia e a amplitude dessa enunciação, bem como o potencial de articulação local/global dos agentes, vai variar não só segundo o nível de acesso ao meio técnico disponível no lugar como está condicionado pela qualidade da mídia e seu alcance.

Assim, grupos com acesso a rádios de alto-falantes terão atuação mais limitada que aqueles com acesso a rádios com frequência FM, que por sua vez serão raio de abrangência menor que grupos com acesso a rede mundial de computadores e a meios de comunicação audiovisuais (televisão, vídeo). Os lugares enunciados/comunicados por esses grupos serão sempre multiescalares, mas os recortes espaciais envolvidos no discurso e na ação dos grupos e das iniciativas serão mais complexos e mais diversos de acordo com a acessibilidade/disponibilidade de recursos técnicos em suas respectivas áreas de atuação. (SERPA, 2011, p. 176).

LUGAR, COMUNICAÇÃO E COTIDIANO

O conceito de lugar, a proposta de estudo das práticas cotidianas de interação e trocas simbólicas que ali ocorrem, a valorização da perspectiva dos sujeitos sobre as relações e significações construídas no e a respeito do lugar, bem como tendo outras escalas espaciais em perspectiva, e o reconhecimento do papel da comunicação – midiática e não midiática – na construção de espacialidade, como fornecido pela geografia humanista, são uma contribuição importante e esclarecedora para quem estuda comunicação e se preocupa com as questões locais.

Os meios de comunicação, que, sejam hegemônicos ou não hegemônicos, atuam como agentes enunciadore do contexto social, processam representações do lugar a partir do momento em que classificam, dão nome, explicam, materializam os acontecimentos, os dizeres e os eventos que ali se dão e os tornam recorrentes, gerando um sistema de ideias se configuram como identidade e projeto.

Estudar o lugar para compreender seus sistemas de comunicação, a partir dessa abordagem da geografia, implica em uma decisão metodológica que ultrapassa o estudo da materialidade dos meios e que envolve o pesquisador na compreensão dos sentidos produzidos e constitutivos no/do mundo vivido. Um caminho seria adotar para os estudos de comunicação a mesma proposta que Turra Neto faz para a geografia, quando diz que

“colocar o lugar no centro das preocupações geográficas seria não só uma possibilidade de, por meio dele, entender a existência do mundo contemporâneo, mas também um retorno da Geografia ao excepcional, ao único”. (TURRA NETO, 2009, p. 123). Uma consequência dessa assunção seria o alargamento do entendimento corrente de comunicação local, levando-nos de volta aos aspectos essenciais do conceito de comunicação de Muniz Sodré (2014, p. 9), “um comum a ser partilhado”, e do conceito de comunicação local, formulado por Paulo Celso Silva (2010).

A comunicação local é um processo em que identidade, lugar, cotidiano e proximidade são as principais características. Surgem assim, duas ordens de comunicação distintas, porém interligadas: uma global e outra local. Na primeira, destaca-se a informação como organizadora dos espaços, dos fluxos e das ações em uma escala mais ampliada e genérica; na segunda, o destaque é **o cotidiano vivido no local como garantia de comunicação e possibilidade de intervenção social e criação de identidade**. (SILVA, 2010, p. 283, grifo nosso).

REFERÊNCIAS

BUTTNER, Anne. Grasping the Dynamism of Lifeworld. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, jun. 1976, p. 277-292. Disponível em https://www.jstor.org/stable/2562470?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 30 jun. 2019.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e sentido de lugar. In: **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, 2015. Disponível em <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12915/pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em http://www.gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso em: 1 jul. 2019.

HOLZER, Werther. **Paisagem e lugar**: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. 1998. 257 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. 1998. Disponível em <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/12/tese-werther.pdf>, Acesso: 29 jun. 2019.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. In: **Revista Geografia**, v. 41, n. 1, 2016. Disponível em

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/11876>.
Acesso: 1 jul. 2019.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, Edward. Sense of Place, 1997 [on-line]. Disponível em https://www.academia.edu/6922983/Sense_of_Place. Acesso em: 1 jul. 2019.

RELPH, Edward. **Sense of Place** – a overview, 2015 [on-line]. Disponível em <http://www.placeness.com/sense-of-place-an-overview/>. Acesso: 1 jul. 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEAMON, David; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. In: HUBBARD, P; KITCHEN, R. VALLENTINE, G. (eds). **Key Texts in Human Geography**. London: Sage, 2008, p. 43-51.

SERPA, Angelo. **Mídia e lugar**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Paulo Celso. Comunicação local. In: **Enciclopédia Intercom de Comunicação** – Volume I - Conceitos. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em <http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso: 1 jul. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum** – Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUAN, Yi-Fu. Humanistic geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, jun. 1976, p. 266-276. Disponível em https://www.jstor.org/stable/2562469?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 29 jun. 2019.

TUAN, Yi-Fu. Space and place. Humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. (eds.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979, p. 387-427. Disponível em http://geog.uoregon.edu/amarcus/geog620/Readings/Tuan_1979_space-place.pdf. Acesso: 29 jun. 2019.

TURRA NETO, Nécio. Em busca do lugar reencontrado. In: VESTENA, Leandro Redin; NOBUKUNI, Paulo; SILVA, Márcia da; THOMAZ, Edivaldo Lopes. (orgs). **Saberes geográficos**: teorias e aplicações. Guarapuava: Unicentro, 2009. Disponível em https://www.academia.edu/18432561/Em_busca_do_lugar_reencontrado. Acesso: 29 jun. 2019.